

As relações retóricas sinalizadas pelo marcador discursivo *mas* em estratégias de construção do texto falado

Rhetorical relations signaled by discourse marker *mas* in strategies for the construction of the spoken text

Gabriele Pecuch¹

Juliano Desiderato Antonio²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar o funcionamento do marcador discursivo (MD) *mas* como marca formal de relações de coerência, visando a contribuir para os estudos acerca da construção do texto falado. Para isso, utilizamos um *corpus* constituído por dez entrevistas orais disponíveis no banco de dados do Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná (Funcpar). Em nossas análises, buscamos como aporte teórico a Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory* – RST) (MANN; THOMPSON, 1988; MANN; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1989), uma teoria descritiva funcionalista que se dedica ao estudo das relações de coerência estabelecidas entre as partes de um texto. As relações estudadas pela RST partem do nível discursivo e, apesar de não exigirem a presença de marcas formais para serem estabelecidas, podem ser sinalizadas por elementos como o *mas*. Após a tabulação dos dados, constatamos que o *mas* inicia inserções parentéticas, reintroduz tópicos, marca o início de paráfrases e de perguntas retóricas, além de atuar na dinâmica de turnos (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006; JUBRAN, 2006). Assim, o MD sinaliza as relações retóricas parentética, *same-unit*, reafirmação multinuclear e elaboração.

Palavras-chave: Marcador discursivo *mas*. Funcionalismo. RST.

Abstract: This paper aims to investigate the functioning of discourse marker (DM) *mas* as a formal signal of coherence relations, contributing to the studies on the construction of the spoken text. For this purpose, we used a *corpus* consisting of ten interviews available in the database of the Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná (Funcpar). The theoretical support is Rhetorical Structure Theory - RST (MANN; THOMPSON, 1988; MANN; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1989), a functionalist descriptive theory dedicated to the study of the coherence relations which arise from the combination of the parts of a text. The relations studied by RST start from discourse level and, although they do not require the presence of formal marks to be established, they can be signaled by items such as *mas*. After the tabulation of the data, we found that *mas* initiates parenthetical insertions, reintroduces topics, marks the beginning of paraphrases and rhetorical questions, in addition to acting in the dynamics of shifts (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006; JUBRAN, 2006). Thus, the MD signals the relations parenthetical, *same-unit*, restatement and elaboration.

Keywords: Discourse marker *mas*. Functionalism. RST.

¹ Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Letras, Maringá, PR, Brasil. Endereço eletrônico: gabrielepecuch@hotmail.com.

² Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Programa de Pós-Graduação em Letras, Maringá, PR, Brasil. Endereço eletrônico: jdantonio@uem.br.

Introdução

Os primeiros estudos da Análise da Conversação (AC), realizados entre as décadas de 60 e 70, tinham basicamente como foco a interação social, que era descrita a partir das convenções estruturais da conversação (MARCUSCHI, 1998, p. 6). De acordo com Jubran (2006, p. 30), o objeto central dos trabalhos iniciais da área era a comunicação face a face, observada em situações informais de interlocução e com frequentes trocas de turnos. Posteriormente, esse campo de estudos passou a se preocupar com outros contextos da oralidade, incluindo questões mais abrangentes acerca da língua falada. Os estudos encontrados nos volumes da Gramática do Português Culto Falado no Brasil, por exemplo, ancorados em uma perspectiva textual-interativa, voltaram-se aos aspectos linguístico-textuais dos *corpora* sem que houvesse a restrição às situações altamente informais de interlocução.

A perspectiva textual-interativa (JUBRAN, 2006, p. 30), na qual apoiam-se diversos estudos de língua falada no Brasil, tem por base fundamentos teóricos que emergem da tríade Pragmática – Linguística Textual – Análise da Conversação, para a qual o funcionamento da língua em contextos de uso é de grande importância. Assim, há uma atualização da atividade discursiva, que resulta em estratégias de organização que contribuem para a constituição do texto falado, na qual características estruturais se integram a processos interacionais.

Nesse mesmo sentido, podemos citar outras abordagens teóricas e metodológicas que contribuem para os estudos de língua falada em contextos reais de uso, como as diversas teorias funcionalistas. Para Neves (2018, p. 15), o Funcionalismo se dedica à organização gramatical das línguas naturais, relacionando-se a uma teoria global da interação social. Sob essa perspectiva, a gramática encontra-se suscetível às pressões do uso. Dessa forma, as várias correntes que se enquadram nessa definição compartilham alguns pressupostos básicos, admitindo que a função primordial da língua é estabelecer a comunicação entre os indivíduos.

Dentre essas teorias, destacamos a Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory – RST*) (MANN; THOMPSON, 1988; MANN; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1989), a qual apresenta como objeto de estudo a organização textual. Mann e Thompson (1988) apontam que a RST parte do pressuposto de que, além do conteúdo proposicional explícito das orações, existem proposições implícitas que se originam a partir de relações que se estabelecem entre as porções de um texto. Denominadas proposições relacionais ou relações retóricas, essas relações organizam desde a combinação de orações até a coerência textual.

Apesar de Mann, Matthiessen e Thompson (1989, p. 6) ressaltarem que as proposições relacionais da RST não são necessariamente explícitas, pois partem do nível discursivo e

obedecem a critérios funcionais, Taboada (2009, p. 127) destaca que há vários mecanismos utilizados na sinalização dessas relações, compreendendo desde marcadores discursivos (MDs) a elementos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Por sua vez, a Análise da Conversação também se debruça sobre alguns recursos da língua que auxiliam na construção e na coerência do texto, como as inserções parentéticas, as reintroduções de tópicos, as paráfrases, as perguntas retóricas e os MDs.

A partir dessas estratégias de construção do texto falado e do enfoque teórico da RST (MANN; THOMPSON, 1988; MANN; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1989), nossa pesquisa tem como objetivo investigar como um desses recursos da língua, o MD *mas*, funciona na organização textual, sinalizando relações de coerência. Para isso, utilizamos um *corpus* constituído por dez entrevistas orais disponíveis no banco de dados do Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná (Funcpar).

Em um primeiro momento, abordaremos alguns aspectos teóricos da Análise da Conversação (MARCUSCHI, 1998; JUBRAN, 2006) e da RST (MANN; THOMPSON, 1988; MANN; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1989), além de trazeremos breves apontamentos sobre o funcionamento do *mas* como MD. Apresentaremos, também, os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta e a tabulação dos dados. Por fim, buscamos analisar e interpretar os dados encontrados.

Considerando que os estudos de RST envolvendo o *mas* demonstram a recorrência de algumas relações retóricas como a de concessão e a de contraste (TABOADA, 2004; MANN; THOMPSON, 1987; 1992), nossa pesquisa se justifica por tentar contribuir com os estudos acerca desse item em seu desempenho como MD, amplamente estudado no âmbito da conversação, que parece se comportar de maneira particular na organização textual.

A Análise da Conversação e os processos de construção do texto falado

Conforme Jubran (2006, p. 28), a visão de linguagem como manifestação de uma competência comunicativa define-se como a capacidade de manter a interação social, a qual compreende a atividade verbal realizada entre pelo menos dois interlocutores em determinado contexto. Essa competência comunicativa “não tem um caráter de exclusão ou adição à competência linguística, entendida como conhecimento de um sistema de regras, interiorizado pelos falantes, que lhes permite produzir, interpretar e reconhecer orações” (JUBRAN, 2006, p. 28). Ela implica, na realidade, o saber linguístico diante do processamento de estruturas linguísticas na constituição de um texto, o qual consiste no produto da interação social e serve de objeto de estudo para a Pragmática, a Linguística Textual e a Análise da Conversação.

Jubran (2006, p. 31) aponta que o texto apoia-se em fatores pragmáticos que interferem em sua constituição, apresentando propriedades de coesão e de coerência que se fundamentam em relações constitutivas que ultrapassam o nível frasal. No caso do texto falado, essas relações têm características específicas, devido à sua produção momentânea e dinâmica em situações concretas de interlocução. Ainda segundo a autora,

[...] a peculiaridade de o texto falado prototípico acontecer em uma situação comunicativa face a face, dentro de um processo dialógico de grande envolvimento entre os interlocutores coparticipantes em sua produção, de ser localmente construído, com grau reduzido de planejamento prévio, promove o aparecimento de descontinuidades instauradas por hesitações, interrupções, repetições, correções, parafraseamentos, inserções, segmentações, elipses, entre outros fatos. (JUBRAN, 2006, p. 32)

Outro conceito importante para os estudos de língua falada, sobretudo para os trabalhos que envolvem a conversação, é o de turno discursivo. Para Marcuschi (1998, p. 18), entende-se por turno, basicamente, “aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade do silêncio”. Durante as interações entre os falantes, há mecanismos, como a tomada de turno, que auxiliam a organização estrutural da conversação. Nessa dinâmica, elementos como os MDs estão frequentemente presentes, seja no início da tomada de um turno, seja em sua sustentação ou em seu encerramento.

Marcuschi (1998, p. 76) ainda ressalta que, ao lado da troca de turnos, a coerência é um importante elemento organizador da conversação, pois a falta dela resultaria em uma estrutura textual falha e na conseqüente ausência de interação. A coerência é, dessa forma, um processo que depende de interpretação mútua e coordenada, servindo-se de recursos como marcadores, unidades lexicais, dispositivos não verbais etc.

Com relação à fala, outro processo básico para a construção textual é a *topicalidade*. Segundo Jubran (2006, p. 32), no que concerne à macroestrutura do texto falado, percebe-se que, no decorrer do evento comunicativo, os interlocutores abordam determinados temas, que se tornam o fio condutor da interação. O tópico discursivo consiste, portanto, em recortes de segmentos do texto, que servem de unidade de análise das estratégias textuais. Para a autora, o tópico discursivo corresponde a enunciados que os interlocutores formulam com base em um conjunto de referentes concernentes entre si. Dessa forma, há uma relação de interdependência semântica entre os enunciados de um segmento textual.

Jubran (2006, p. 96) aponta que, em um determinado quadro tópico, existe uma hierarquia, segundo a qual um tópico mais abrangente (supertópico) pode se dividir em tópicos coconstituintes (subtópicos), que se situam em uma mesma “camada” de organização

tópica, uma vez que são concernentes ao sutertópico em comum. Essa propriedade faz que sejam possíveis subdivisões sucessivas no interior de cada tópico coconstituente, de modo que um subtópico de um supertópico superior a ele passa a assumir sua posição em relação a outros subtópicos.

Durante o desenvolvimento do quadro tópico, é comum observar diversas estratégias que auxiliam o processo de construção textual e que se tornaram objeto de estudo para perspectivas como a da Análise da Conversação. Nesse conjunto de recursos da língua, encontramos processos básicos de constituição do enunciado, como a *referenciação*, a *predicação*, a *conjunção* e a *foricidade* (CASTILHO, 2006, p. 20), além das atividades de formulação do texto, como a *repetição*, a *correção*, o *parafraseamento*, a *parentetização* e as perguntas retóricas (JUBRAN, 2006, p. 34).

A Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory* – RST)

A Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory* – RST) é uma teoria descritiva funcionalista que surgiu no início dos anos 1980 e que se dedica ao estudo da organização textual. De acordo com Mann, Matthiessen e Thompson (1989, p. 5), ela foi formulada no Instituto de Ciências da Informação (*Information Sciences Institute* – ISI), da USC (*University of Southern California*) e teve como objetivo inicial servir de base teórica para a geração automática de textos.

Taboada e Mann (2005, p. 2) apontam que as aplicações da RST no campo da Linguística computacional são numerosas, o que inclui análises de textos, resumos, avaliações de argumentos, traduções automáticas, pontuação e geração de linguagem natural. No entanto, o propósito original da RST foi superado, alcançando outras aplicações no campo da Linguística. Ao considerar o texto como um meio de comunicação, os estudos realizados resultaram em uma teoria voltada à estrutura textual, que poderia servir tanto como ferramenta de análise quanto como instrumento para a geração de novos textos.

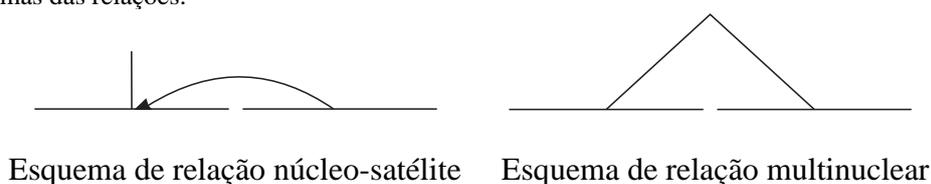
Conforme Mann e Thompson (1988), a RST parte do princípio de que, além do conteúdo proposicional explícito das orações, existem proposições implícitas que se originam a partir de relações que se estabelecem entre as porções de um texto. Denominadas proposições relacionais ou relações retóricas, essas relações organizam desde a combinação de orações até a coerência do texto.

A disposição das relações retóricas se dá de forma hierárquica, por meio de diagramas arbóreos que representam desde as relações estabelecidas na microestrutura textual, entre duas orações, até as relações da macroestrutura, presentes entre porções maiores de texto. As

relações retóricas da RST são organizadas e divididas em dois tipos: relações núcleo-satélite, nas quais uma porção do texto (satélite) é ancilar da outra (núcleo), e relações multinucleares, nas quais cada porção representa um núcleo distinto (MANN; THOMPSON, 1988), entendendo-se por núcleo a porção mais central do texto a ser analisado e mais relevante aos objetivos do falante/escritor.

Os esquemas dos dois tipos de organização das relações retóricas são representados da seguinte maneira:

Figura 1 – Esquemas das relações.



Fonte: Mann e Thompson (1988, p. 247).

Mann e Thompson (1988, p. 245) estabeleceram uma lista de 25 relações, que não consiste em um rol fechado, mas fornece instrumentos suficientes para descrever a maioria dos textos. Nessa lista, encontram-se algumas relações como motivação, antítese, concessão, preparação, elaboração, resumo, contraste, entre outras. Posteriormente, Carlson e Marcu (2001) ampliaram essa lista inicial propondo um total de 136 relações retóricas, entre as quais, há relações como a *same-unit* e a parentética.

A identificação das relações é realizada a partir de julgamentos específicos de plausibilidade, que o analista faz durante a construção do diagrama da estrutura retórica. Conforme Mann e Thompson (1988, p. 245), no caso do campo *efeito*, o analista julga se é plausível que o destinatário deseje a condição especificada. Para a realização desses julgamentos, o analista tem acesso ao texto e ao contexto em que ele foi produzido, além de conhecimento sobre convenções culturais do falante/escritor e de seu interlocutor.

Matthiessen e Teruya (2015, p. 19) afirmam que as relações retóricas podem se estabelecer na parataxe, na hipotaxe ou por meio de relações lógico-semânticas e, ainda, serem sinalizadas por alguma marca formal. Ainda que os primeiros estudos envolvendo a RST (MANN; THOMPSON, 1988; MANN; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1989) tivessem como objeto a estrutura retórica de textos escritos, pesquisas mais recentes apresentam desdobramentos da teoria no âmbito da língua falada, incluindo textos dialogais, o que reforça a aproximação entre essa perspectiva funcionalista e os estudos voltados à conversação.

Mencionando apenas alguns dos estudos mais atuais, podemos citar Alves (2013), que

investigou o funcionamento do MD *então* na estrutura retórica de elocuições formais. Utilizando *corpora* também constituídos por aulas, Cassim (2014) analisou as relações retóricas sinalizadas por estratégias de correção e de parafraseamento, ao passo que Ganasin (2016) se debruçou sobre as funções exercidas e as relações de coerência sinalizadas pelos recursos da parentetização e da repetição. Ainda no domínio da fala, Santos (2018) pesquisou as relações retóricas do campo da avaliação no português falado. Por sua vez, a partir de um *corpus* do inglês, Taboada (2004) verificou o uso da RST em diálogos, encontrando relações retóricas estabelecidas entre turnos discursivos, como a de concessão e a de elaboração.

Considerando os trabalhos mais recentes de RST acerca da língua falada e estudos que apresentam o *mas* como um dos elementos mais recorrentes na sinalização de relações retóricas (TABOADA, 2004; MANN; THOMPSON, 1987; 1992), julgamos relevante analisar o desempenho desse item como MD e sua atuação no domínio da organização textual.

O marcador discursivo (MD) *mas*

Os estudos de Taboada (2004; 2009) voltados às relações retóricas estabelecidas entre as partes de um texto apontam uma série de elementos que sinalizam as relações retóricas. Os elementos que sinalizam as relações de forma explícita são os marcadores discursivos (MDs), compreendidos pela autora como qualquer conjunção, advérbio, sintagma adverbial ou qualquer outro sintagma que ligue duas ou mais unidades discursivas. As relações podem ser sinalizadas, ainda, por outros elementos além dos MDs, como, por exemplo, categorias gramaticais (tempo, aspecto etc.), entonação e pausas (na língua falada), pontuação (na língua escrita), advérbios etc.

Por sua vez, nos estudos de língua falada no Brasil, os MDs são conceituados, conforme definição apresentada por Risso, Silva e Urbano (2002, p. 21), como um grupo de elementos de constituição bastante diversificada, os quais compreendem uma categoria pragmática consolidada no funcionamento da linguagem. No domínio do discurso, o *mas* integra esse amplo grupo dos marcadores discursivos (MDs), consistindo em um “elemento de eleição privilegiada na abertura de caminhos novos, que ele marca como, de algum modo, divergentes ou discrepantes” (NEVES, 2013, p. 254), e seus valores semânticos e pragmáticos podem ser diversos, compreendendo desde a contraposição entre elementos coordenados até o estabelecimento de relações de gradação ou de início de turno.

De acordo com Jubran (2006, p. 111), há marcadores que promovem a articulação de segmentos do discurso como nexos coesivos. Esses elementos são *basicamente sequenciadores* e, no que concerne à organização tópica do texto falado, eles estabelecem

inícios, encaminhamentos, retomadas e fechamento de tópicos, podendo assumir posições inter ou intratópicas. Com relação à posição inicial do tópico, é possível que ele seja assinalado especialmente por alguns MDs, como o *agora*, o *então*, o *e*, o *e aí* e o *mas*.

Ainda conforme Jubran (2006, p. 313), existem MDs que podem atuar na fronteira final de um tópico interrompido por estratégias de construção do texto como as inserções parentéticas, auxiliando a retomada tópica e reestabelecendo a ligação entre duas orações ou porções textuais. Esses MDs, entre os quais o *mas* se encontra, segundo a autora, comportam o traço sequenciador.

Também sobre o desenvolvimento do texto falado, Marcuschi (1998, p. 61) afirma que não é possível aplicar as mesmas unidades sintáticas da língua escrita na conversação, pois a modalidade falada da língua obedece a princípios comunicativos para sua demarcação que não correspondem a princípios meramente sintáticos. Há relações estruturais e linguísticas entre a organização da conversação em turnos (marcados pela troca de falantes), por exemplo, além da ligação interna em unidades constitutivas de turno. Nesse contexto, o autor aponta que há alguns marcadores do texto conversacional que podem apresentar funções tanto conversacionais como sintáticas, como o *mas*.

Castilho (2010, p. 229) afirma que os MDs apresentam-se de algumas maneiras, de acordo com as classes gramaticais ou com os lugares que ocupam nos enunciados. Consistindo em uma classe polifuncional, é possível que um mesmo item desempenhe, portanto, mais de uma função. Sobre o *mas*, especificamente, o autor afirma que esse item funciona como um MD pragmático ou interpessoal – orientado para o interlocutor – ao aparecer na posição inicial do enunciado, podendo também ser utilizado como marcador textual ou ideacional – orientado para o texto – auxiliando na modalização de um tópico. Em situações interacionais, o *mas* ocorre no lugar relevante da transição, atuando na organização de unidades de construção de turno e auxiliando a retomada de tópicos conversacionais.

Para Urbano (2006, p. 515), esse marcador é um dos mais férteis no que diz respeito às matizes funcionais, pois ele atua tanto como orientador da interação, quanto como sequenciador tópico. Ao combinar seus dois traços, o de sequenciador e o de basicamente orientador, observa-se um aspecto bidirecional, uma vez que ele pode agir no texto de maneira retrospectiva e prospectiva. Além dessas funções, o MD *mas* também funciona como operador argumentativo de diversos níveis e ainda serve de mecanismo estratégico na administração de turnos. Portanto, suas diversas aplicações na construção do texto falado conferem a esse marcador um importante potencial na organização textual.

Procedimentos metodológicos

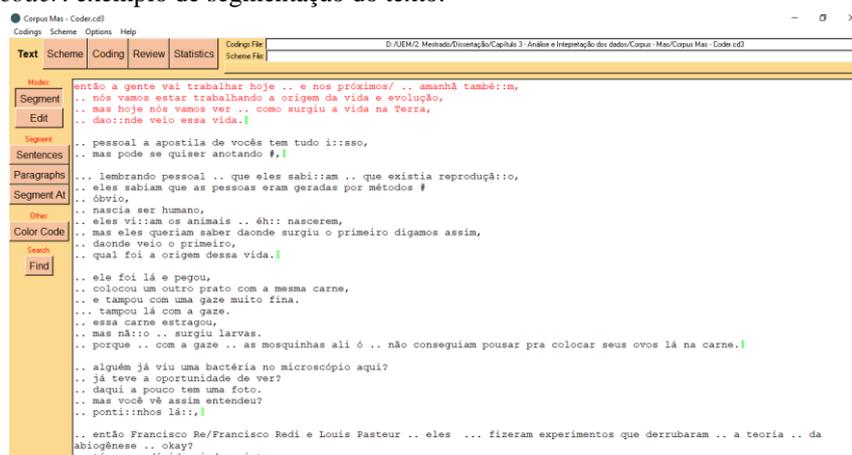
Para esta pesquisa, utilizamos um *corpus* composto de dez entrevistas orais, com duração aproximada de 30 minutos cada, disponíveis no banco de dados do Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná (Funcpar). Os informantes das entrevistas³ são professores universitários de Maringá (PR) que nasceram na cidade ou residem nela há mais de 10 anos. Para a realização dessas entrevistas, solicitou-se previamente a cada informante um artigo científico de sua autoria e, com base nisso, foram elaboradas perguntas sobre o processo de produção do texto e sobre os temas abordados no artigo.

A segmentação dos textos foi realizada a partir do conceito de unidades de entonação (CHAFE, 1985), segundo o qual a linguagem falada espontânea e não planejada é produzida com um único contorno de entonação coerente, em uma série de “blocos”, terminando no que é percebido como uma entonação final do enunciado. Esses “blocos” de fala são precedidos e seguidos por algum tipo de hesitação. Conforme Chafe (1985), as unidades de entonação apresentam em torno de sete palavras e levam cerca de dois segundos para serem produzidas. Por sua vez, a transcrição das entrevistas foi realizada por participantes do grupo, e o processo de transcrição teve por base o padrão estabelecido pelas normas do Projeto NURC (PRETI, 1993), com certas adaptações, uma vez que as normas utilizadas pelo projeto não consideram a segmentação textual por nós utilizada.

Para o levantamento das ocorrências do MD *mas* e das relações que o marcador sinaliza, utilizamos o programa *Systemic Coder*, versão 4.68 (O’DONNEL, 1995), disponível para *download* no site <http://www.wagsoft.com/>. O *software* permite a segmentação do *corpus* em porções de texto (cf. figura 2), a fim de classificá-las posteriormente de acordo com os critérios estabelecidos para a análise. Durante o trabalho com o *corpus*, é possível incluir ou excluir relações retóricas e outros parâmetros de análise, conforme a necessidade do analista.

³ Coleta de dados aprovada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP (CAAE – 0055.0.093.000-07).

Figura 2 – *Systemic coder*: exemplo de segmentação do texto.



Fonte: Tela do *software Systemic coder*.

Por fim, realizamos a representação das relações retóricas encontradas no *corpus* por meio de diagramas construídos com o software *rstWeb* (ZELDES, 2016), disponível no site <https://corpling.uis.georgetown.edu/rstweb>. Esse programa consiste em uma ferramenta de anotação de código-fonte aberto, baseada em navegador, para análises de textos fundamentadas na RST.

Análise e interpretação dos dados

Após a tabulação dos dados, encontramos 37 ocorrências nas quais o MD *mas* sinalizou relações retóricas referentes a estratégias de organização tópica, observadas tanto no interior dos turnos dos falantes, quanto na dinâmica entre turnos. As relações encontradas foram: 1) parentética; 2) *same-unit*; 3) reafirmação multinuclear e elaboração. Essas proposições relacionais corresponderam a inserções parentéticas, a reintroduções de tópicos, a paráfrases, a perguntas retóricas e a tomadas de turno (cf. tabela 1).

Tabela 1 – Relações retóricas sinalizadas pelo MD *mas*.

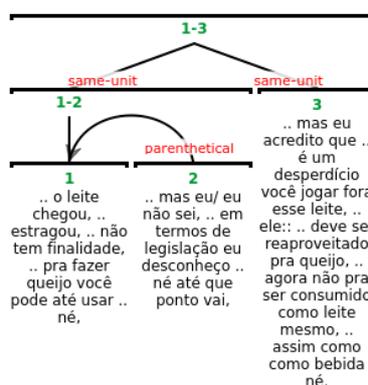
Relação retórica	Introduz parênteses	Reintroduz tópico	Sinaliza paráfrase	Sinaliza pergunta retórica	Tomada de turno
Parentética	03	-	-	-	-
<i>Same-Unit</i>	-	20	-	-	-
Reafirmação Multinuclear	-	-	03	-	-
Elaboração	-	-	-	02	09
Total	03	20	03	02	09

Fonte: elaboração própria.

A primeira relação retórica observada nas entrevistas foi a parentética. O *mas* sinalizou três dessas relações no *corpus* da pesquisa, as quais correspondem a inserções de

parênteses iniciadas pelo MD durante o desenvolvimento do tópico discursivo no turno dos entrevistados (cf. figura 3). Essa relação encontra-se na lista proposta por Carlson e Marcu (2001, p. 28). De acordo com os autores, as expressões entre parênteses podem compreender palavras, sintagmas ou orações, no entanto, as porções de texto só devem ser segmentadas se o conteúdo parentético apresentar ao menos uma oração, considerada a unidade mínima de análise para a RST.

Figura 3 – Inserção de parênteses (relação parentética) e reintrodução de tópico (*same-unit*) marcadas pelo MD *mas*.



Fonte: elaboração própria.

O exemplo da figura 3 apresenta parte da resposta de um dos informantes. Antes dessa resposta, o entrevistador pergunta ao entrevistado se é verdadeira a informação que o número presente na “caixa de leite” representa a quantidade de vezes que o produto retornou ao mercado. Na resposta, observamos que, na primeira parte do enunciado [1], há uma série de orações que narram o percurso do leite no mercado. Após esse conteúdo, há um segmento parentético [2] introduzido por *mas*, o qual apresenta uma informação adicional que interrompe o fluxo do discurso e funciona como satélite do conteúdo inicial.

De acordo com Jubran (2006, p. 35), a *parentetização* consiste na inserção de informações paralelas no segmento tópico, com relação ao assunto em questão naquele momento do texto. Essas inserções promovem um desvio do tópico discursivo, projetando no texto “dados relativos ao processo de enunciação, como referências à atividade formulativa, alusões ao papel discursivo e interacional das instâncias coprodutoras do texto (locutor e interlocutor), assim como comentários e avaliações sobre o ato verbal em curso”.

Ainda conforme a autora (JUBRAN, 1996, p. 411), os desvios no tópico discursivo proporcionados pelos parênteses não representam nenhum prejuízo à coesão do segmento tópico que eles interrompem. Nesse sentido, inserções parentéticas são um dos recursos de construção do texto falado que promovem a quebra da linearidade discursiva e a

descontinuidade da progressão temática. Marcuschi (2006, p. 242) aponta que a reintrodução de tópicos após a parentetização pode ser realizada por meio de algumas estratégias, como as *repetições*. Em muitos casos, essa retomada do tópico após sua suspensão por parênteses é feita por meio de marcadores discursivos de retomada tópica, como o *então* ou o *mas*.

Ao observarmos a última parte da ocorrência exemplificada na figura 3, nota-se um segundo segmento também iniciado pelo MD *mas*, que retoma o conteúdo apresentado em [1]. Dentre as 37 ocorrências do *corpus* em que o *mas* iniciou estratégias de organização tópica e sinalizou relações retóricas, em 20 delas, o MD marca reintroduções de tópicos como a encontrada no segmento [3]. Em todas essas ocorrências, o *mas* sinalizou uma única relação retórica, a *same-unit*.

A *same-unit*, assim como a relação parentética, também não faz parte do rol clássico proposto por Mann e Thompson (1988). Essa relação encontra-se entre as 136 relações retóricas apresentadas por Carlson e Marcu (2001). De acordo com esses autores (CARLSON; MARCU, 2001, p. 23), a *same-unit* consiste em uma pseudorelação multinuclear, pois compreende uma única unidade discursiva que é descontinuada por meio de inserções como parênteses e orações apositivas. Em porções menores de texto, o segmento parentético compreende o satélite do núcleo do primeiro conteúdo da *same-unit*. Por sua vez, na macroestrutura textual, a relação estabelece a retomada de tópicos não adjacentes, os quais foram interrompidos ou elaborados durante o fluxo discursivo.

No quadro a seguir, apresentamos a definição dessa pseudorelação.

Quadro 1 – *Same-unit*.

Nome da relação	Condições em cada par de N	Intenção do F
<i>Same-unit</i>	Os Ns apresentam informações que, juntas, constituem uma única proposição	D reconhece que as informações apresentadas constituem uma única proposição; separadas não fazem sentido

Fonte: Carlson e Marcu (2001).

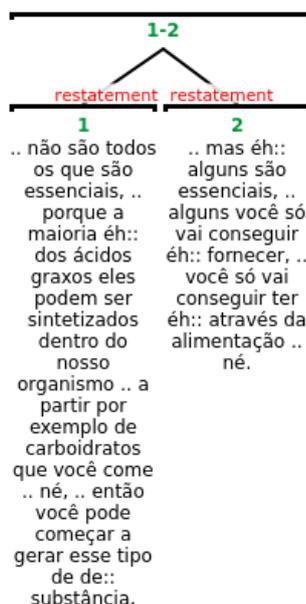
Todas as 20 ocorrências do item *mas* sinalizando a relação *same-unit* compreenderam o turno dos entrevistados, os quais reintroduziram tópicos de suas próprias respostas após inserções parentéticas. De acordo com Jubran (1996, p. 412), a ruptura provocada pelas inserções parentéticas no “segmento-contexto” são frequentemente marcadas. Para isso, há fatos sintáticos que denunciam a suspensão do tópico desenvolvido, como a “incompletude do enunciado precedente”. Após o segmento parentético, geralmente existem marcas de retorno ao tópico suspenso, como marcadores discursivos ou “a repetição de elementos anteriores aos parênteses”. Especificamente sobre o *mas*, Marcuschi (1998, p. 78) considera esse MD um

marcador de introdução de tópicos que funciona como um “aviso” para o retorno ao enunciado interrompido. Nesse sentido, nossos dados corroboram os apontamentos de Jubran (1996) e de Marcuschi (1998), uma vez que a reintrodução de tópicos após a quebra da linearidade tópica por inserções parentéticas foi a estratégia de organização do texto mais recorrente sinalizada pelo MD *mas*.

A terceira estratégia de organização do texto falado observada em nosso *corpus* foi o uso de paráfrases. Jubran (2006, p. 114) aponta que esse recurso compreende enunciados que reformulam um anterior, com o qual mantêm uma relação de equivalência semântica, tendo, entre outras, a função de sinalizar o encerramento de um tópico. Nessa função, as paráfrases tendem a retomar o conteúdo anterior resumidamente, indicando a completude do tópico.

De acordo com Hilgert (2006, p. 277), para realizar a predicação de identidade entre dois enunciados, os interlocutores podem utilizar marcadores discursivos parafrásticos, os quais funcionam como uma indicação de que o segmento posterior apresenta “parentesco” semântico com relação ao enunciado inicial. Esses marcadores, segundo o autor, dividem-se em dois principais tipos: os especializados, que estabelecem relações de equivalência entre dois enunciados independentemente do contexto, como *em outras palavras* ou *como você falou*; e os não especializados, que, devido à sua significação lexical, não constituem um índice exclusivo de relação de equivalência, como o *então* e o *quer dizer*. Com base nessa classificação, apontamos o *mas* como um marcador parafrástico não especializado, conforme observado no exemplo da figura 4 a seguir.

Figura 4 – Relação de reafirmação multinuclear – em paráfrases.



Fonte: elaboração própria.

Na figura 4, encontramos uma das três paráfrases introduzidas pelo MD *mas* no *corpus* da pesquisa. Nessa ocorrência, o entrevistado responde a uma pergunta sobre os ácidos graxos essenciais ao organismo dos seres humanos. É possível notar que há duas porções de texto que apresentam conteúdos semânticos semelhantes. Segundo Fávero (1999, p. 142), a paráfrase consiste em uma das estratégias que o falante emprega na reformulação de seu discurso, sintetizando, em alguns casos, um conteúdo enunciado anteriormente. Assim, no exemplo apresentado na figura 4, a paráfrase que se encontra após o *mas* representa uma síntese do conteúdo anterior ao MD.

As três ocorrências de paráfrases sinalizadas pelo MD *mas*, todas registradas durante o turno dos informantes, compreendem a relação retórica de reafirmação multinuclear (MANN; THOMPSON, 1988), na qual encontramos dois núcleos distintos que apresentam conteúdos semelhantes. Nessa relação, o conteúdo do segundo núcleo reitera a informação apresentada no primeiro núcleo, fazendo que o destinatário reconheça a semelhança entre os elementos relacionados. A definição dessa relação encontra-se no quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Relação de reafirmação multinuclear.

Nome da relação	Condições em cada par de N	Intenção do F
Reafirmação multinuclear	Um elemento constitui, em primeiro lugar, a repetição de outro, com o qual se encontra relacionado; os elementos são de importância semelhante aos objetivos de F	D reconhece a repetição através dos elementos relacionados

Fonte: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>. Acesso em: 15 mar. 2021.

Para Hilgert (2006, p. 276), há uma relação de equivalência semântica entre a paráfrase e um enunciado considerado matriz. Contudo, o segmento parafrástico é semanticamente menos abrangente, uma vez que costuma conferir denominações mais específicas com relação ao conteúdo apresentado na matriz, o qual geralmente apresenta enunciados mais genéricos. Para a RST, a relação existente entre o segmento parafrástico e a porção textual original é estabelecida entre dois diferentes núcleos, que apresentam independência sintática entre si, o que confere a essa proposição relacional um caráter multinuclear.

A última relação retórica sinalizada pelo MD *mas* no *corpus* da pesquisa é a de elaboração, proposta originalmente por Mann e Thompson (1988). Conceitua-se essa relação no quadro a seguir.

Quadro 3 – Relação de elaboração.

Nome da relação	Restrições sobre S ou N, individualmente	Restrições em N + S	Intenção do F
Elaboração	Nenhuma	S apresenta dados adicionais sobre a situação ou alguns elementos do assunto apresentados em N ou passíveis de serem inferidos de N, de uma ou várias formas, conforme descrito abaixo. Nesta lista, se N apresentar o primeiro membro de qualquer par, então S inclui o segundo: conjunto :: membro abstração :: exemplo todo :: parte processo :: passo objeto :: atributo generalização :: especificação	D reconhece que S proporciona informações adicionais a N. D identifica o elemento do conteúdo relativamente ao qual se fornecem pormenores.

Fonte: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>. Acesso em: 15 mar. 2021.

Encontramos a relação de elaboração sinalizada pelo MD *mas* em onze das 37 ocorrências do *corpus*, divididas de acordo com algumas particularidades. Duas dessas ocorrências corresponderam à introdução de perguntas retóricas durante a fala dos informantes, ao passo que, em nove vezes, o *mas* sinalizou a relação de elaboração no início de tomadas de turno.

Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 161) afirmam que as perguntas retóricas ocorrem quando o falante faz uma pergunta sem a intenção de que o ouvinte a responda, pois o falante já conhece a resposta e “é só uma questão de procurá-la na memória”. De acordo com as autoras, esse tipo de pergunta é um recurso bastante utilizado na manutenção do turno ou no estabelecimento de contato, conforme exemplificado na ocorrência (1) a seguir.

(1) .. *eu acho que.. mexer e revirar esses arqui::vos, .. tentar descobrir mesmos as crianças, .. eu tô achando .. eu tô supo::ndo que a adoção possa ser um bom caminho pra solução desses problemas, .. **mas** será que não:: seria interessante a gente pegar dessas crianças que passaram por ali, .. e fazer um recorte de quantas crianças fo::ram adota::das, .. e tentar investigar o que aconteceu com a vida desses sujeitos né?*

Alguns estudos, como o de Antonio e Barbosa (2012), apontam que a relação de coerência observada em uma pergunta retórica é a de preparação, pois perguntas como essa buscam despertar o interesse do ouvinte com relação ao enunciado. Nessa relação, o satélite precede o núcleo. Entretanto, uma vez que nossa pesquisa tem como foco as relações sinalizadas pelo MD *mas*, analisamos a relação que se estabelece entre o enunciado iniciado pelo *mas* e o conteúdo que o antecede. Assim, em (1), observa-se a relação de elaboração, na

qual a pergunta retórica representa o satélite (enunciado após o *mas*), elaborando as informações contidas no núcleo (enunciado que antecede o *mas*).

Por fim, a tabulação dos dados mostrou que os resultados mais divergentes com relação à atuação do MD *mas* compreenderam a alternância de turnos entre entrevistador e informantes. Apesar de corresponder a somente uma relação retórica, as tomadas de turno sinalizadas pelo marcador apresentaram algumas especificidades conforme mostrado nos exemplos a seguir.

(2) **E** - *no teste dessa água desse efluente ela ela:: recuperou todas as características de uma uma um:: material saudável?*

I - *então .. eu não fiz os testes de::/ por exemplo com coliformes feca::is e outras né, .. essas condições que ele está, .. éh:: está em condições de ser lançado pra #. .. ele está em condições de ser lançado, .. éh:: entretanto não é/ eu não posso afirmar que ele está adequado pra potabilidade, .. pra ser tomado, .. aí eu não posso, .. teria que ser feito outros testes.*

E - ***mas** por exemplo você lança, .. tratou, .. lança no rio, .. nós temos aí as coletas, .. tratamento de água, .. mas aí eles vão fazer o tratamento pra deixar apta pra pra:: tomar. .. mas eu me preocupo assim .. a questão de lançar no rio não vai matar peixes? .. não vai matar?*

A situação observada em (2) ocorreu em cinco das nove ocorrências da relação de elaboração sinalizada pelo *mas* na tomada de turno. Nesse contexto, a pergunta do entrevistador funcionou como satélite da resposta do informante com relação a outra pergunta realizada anteriormente.

(3) **E** - *então enquanto ela é formada pelos ruminantes .. essa gordura não traz problema pra gente?*

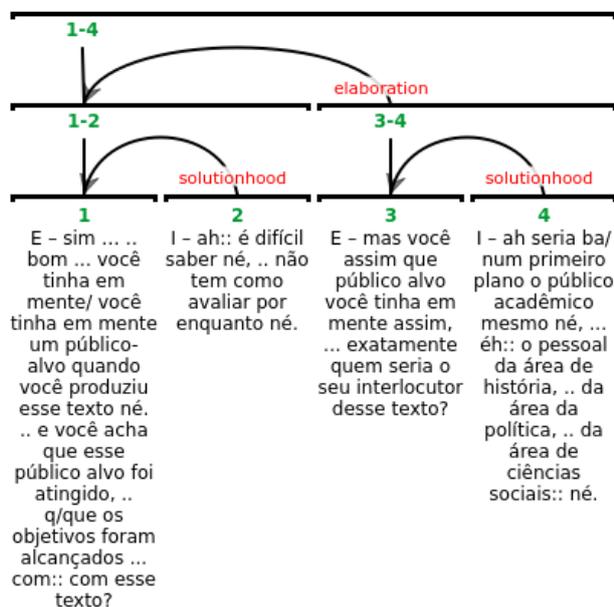
I - ***mas** não traz problema por quê? .. fique bem claro isso, .. porque a quantidade é pequena.*

Por outro lado, no exemplo (3), o MD introduz o turno assumido pelo entrevistado (informante), o qual elabora o conteúdo expresso na fala do entrevistador. Cabe ressaltar que o informante utiliza a mesma estratégia de organização de tópicos observada em outros contextos, a pergunta retórica, a qual também corresponde à relação retórica de elaboração.

A ocorrência representada na figura 5 também apresenta um comportamento diferente

das demais relações de elaboração estabelecidas na dinâmica de turnos.

Figura 5 – Relação de elaboração – na tomada de turno.



Fonte: elaboração própria.

Conforme observado no diagrama, há duas diferentes relações, a de elaboração e a de solução. Assim como a relação de elaboração, a de solução também foi proposta por Mann e Thompson (1988), consistindo em uma relação núcleo-satélite. Nessa relação, o conteúdo do satélite apresenta um “problema”, ao passo que o enunciado do núcleo constitui sua solução.

Na figura 5, inicialmente, o entrevistador faz uma pergunta [1] ao entrevistado, que está relacionada aos leitores de um trabalho realizado pelo informante. Apesar de a resposta do entrevistado, em [2], ser negativa, ela funciona como satélite da pergunta inicial, estabelecendo com esse núcleo uma relação de solução. Uma vez que o informante não responde totalmente o que foi solicitado, o entrevistador reitera sua pergunta, estabelecendo uma relação de elaboração com sua pergunta inicial. Nesse caso, o conteúdo de [3] funciona como satélite de [1], elaborando o conteúdo proposto na primeira pergunta e fazendo que o destinatário reconheça a existência de informações adicionais. Por sua vez, novamente, a resposta do informante, agora em [4], estabelece a relação de solução com a pergunta do entrevistador, desta vez em [3].

Em (4) e (5), o MD *mas* sinaliza a tomada de turno por parte dos entrevistados, estabelecendo uma relação de elaboração com conteúdos anteriores apresentados pelos próprios informantes.

(4) **E** - *e eles perguntavam também né,
.. “Não tem jeito de ser um resultado só?”
.. eu achei interessante é que eram professores.
I - não .. mas i-i-i-isso é geral.
E - então .. mas nós que somos leigos,
.. não somos da área tudo bem,
.. eu fiquei muito impressionada é que são professores.
I - **mas** é é é um paradigma que que surgiu .. éh:: .. a partir do momento que se criou
geometrias novas,
.. que não eram euclidianas.
.. então é um novo paradigma que:: # exatidão,
.. foi aí que a pessoa .. que que começaram a perceber que a coisa não é bem assim.*

Em (4), o entrevistado retoma um tópico no qual ele apresentou teorias que propõem um único resultado para as operações matemáticas. Assim, estabelece-se com essa porção de texto anterior a relação de elaboração.

Por último, observamos, em (5), que o entrevistado retoma e elabora sua fala por meio de outra pergunta retórica introduzida pelo item *mas*.

(5) **I** - *quem tem problema:: genético de colesterol não adianta, .. pode comer PASTO
.. que vai ter colesterol. .. isso é uma coisa:: trágica né?
E - terrível.
I - **mas** você pode ajudar como? .. atividade física , .. uma boa alimentação não vai
ajudar só nisso, .. vai ajudar em tudo .. né*

Mesmo havendo a retomada de subtópicos nessas duas últimas ocorrências, considera-se, nesses casos, a relação de elaboração, uma vez que os segmentos iniciados pelo *mas* oferecem informações adicionais com relação às falas anteriores dos informantes.

De acordo com Risso, Silva e Urbano (2002), MDs são exteriores em relação aos conteúdos proposicionais, não constituem enunciados completos por si próprios e são independentes sintaticamente. Assim, em nossa análise, ressaltamos que apesar de o *mas*, em seu papel de conjunção, tradicionalmente sinalizar relações de contraste, de concessão e de antítese nas orações coordenadas por ele, observamos relações retóricas diferentes em funcionamento como MD. Nesse contexto, o item não marca necessariamente ideias contrárias, mas inicia estratégias de estruturação tópica, funcionando de forma semelhante a outros marcadores como o *e*, o *então* e o *agora*. Cabe destacar, ainda, que os MDs não são responsáveis por estabelecer as relações de coerência, pois eles somente as sinalizam.

Considerações finais

Com base no enfoque teórico da RST (MANN; THOMPSON, 1988; MANN; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1989), este trabalho procurou contribuir com os estudos da

Análise da Conversação a partir de uma abordagem metodológica funcionalista. Para isso, investigou-se o funcionamento do MD *mas* como um marcador produtivo na construção do texto falado e na organização retórica do texto, considerando sua atuação como sinalizador de relações de coerência.

A análise das proposições relacionais sinalizadas pelo MD *mas* seguiu critérios fundamentados em estratégias de composição do texto falado, como inserções parentéticas, reintroduções de tópicos, paráfrases, perguntas retóricas e tomadas de turno, apresentadas por Fávero, Andrade e Aquino (2006), Jubran (2006), Marcuschi (2006), dentre outros.

Após a tabulação dos dados, observou-se que as estratégias de organização tópica aqui analisadas corresponderam a quatro diferentes relações retóricas sinalizadas pelo *mas*. O marcador sinalizou três relações parentéticas em início de parênteses, 20 relações *same-unit* ao reintroduzir tópicos e três relações de reafirmação multinuclear iniciando paráfrases. Destacamos a relação de elaboração, observada em dois diferentes contextos, resultando em onze ocorrências: duas na sinalização de perguntas retóricas e nove na tomada de turnos.

Esta pesquisa procurou, portanto, colaborar com os estudos descritivos acerca do *mas* no âmbito da organização textual e no domínio da conversação. Apesar de diversos estudos (TABOADA, 2004; MANN; THOMPSON, 1987; 1992) indicarem que esse item é a marca formal mais frequente em relações de contraste e de concessão, sobretudo na microestrutura textual, observamos que o *mas* em seu papel de MD pode sinalizar outras relações retóricas e auxiliar no processo de construção do texto falado. Assim, pretendemos com este trabalho incitar futuras pesquisas sobre o funcionamento do item *mas*.

Referências

ALVES, D. V. dos S. **Uma investigação funcionalista do Marcador Discursivo *então* no estabelecimento de relações retóricas em elocuições formais do português**. 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

ANTONIO, J. D.; BARBOSA, C. T. Relações retóricas estabelecidas por perguntas e respostas em elocuições formais. **Todas as letras**, v. 14, n. 2, p. 186-197, 2012.

CARLSON, L.; MARCU, D. **Discourse Tagging Reference Manual**, 2001. Disponível em: <https://www.isi.edu/~marcu/discourse/tagging-ref-manual.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

CASSIM, F. T. R. **Relações retóricas sinalizadas pelas estratégias de correção e de parafraseamento em elocuições formais**. 2014. 82 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

CASTILHO, A. T. de. Apresentação. *In*: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.).

Gramática do português culto falado no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.

CHAFE, W. L. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. *In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N.; HILDYARD, A. (Orgs.). **Literacy Language and Learning: The nature and consequences of reading and writing.** Cambridge: Univ. Press, 1985.*

FÁVERO, L. L. Processos de formulação do texto falado: a correção e a hesitação nas elocuições formais. *In: PRETI, D. (Org.). **O discurso oral culto.** São Paulo: Humanitas, 1999.*

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. O par dialógico pergunta-resposta. *In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006.*

GANASIN, M. B. **Funções exercidas e relações retóricas sinalizadas pelas estratégias de parentetização e de repetição em elocuições formais.** 2016. 68 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

HILGERT, J. G. Parafraseamento. *In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006.*

JUBRAN, C. C. A. S. Parênteses: propriedades identificadoras. *In: CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M. (Orgs.). **Gramática do Português Falado.** v. IV: Estudos Descritivos. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: FAPESP, 1996.*

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico discursivo. *In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006.*

MANN, W. C.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; THOMPSON, S. A. **Rhetorical Structure Theory and Text Analysis.** 1989. Disponível em: <http://www.sfu.ca/rst/index.html>. Acesso em: 10 mar. 2021.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. **Rhetorical Structure Theory: A Theory of Text Organization.** 1987. Disponível em: <http://www.sfu.ca/rst/index.html>. Acesso em: 10 mar. 2021.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical structure theory: toward a functional theory of text organization. **Text**, Berlim, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. **Relational Discourse Structure: A comparison of approaches to structuring text by “contrast”.** 1992. Disponível em: <http://www.sfu.ca/rst/index.html>. Acesso em: 10 mar. 2021.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação.** São Paulo: Editora Ática, 1998.

MARCUSCHI, L. A. Repetição. *In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.).*

Gramática do português culto falado no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K. Grammatical realizations of rhetorical relations in different registers. **Word**, v. 61, n. 3, p. 232-281, 2015.

NEVES, M. H. de M. **Texto e Gramática.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NEVES, M. H. de M. **Gramática Funcional: interação, discurso e texto.** São Paulo: Contexto, 2018.

O'DONNELL, M. From *corpus* to codings: Semi-automating the acquisition of linguistic features. Proceedings of the AAAI Spring Symposium on Empirical Methods in Discourse Interpretation and Generation. **Proceedings of the AAAI Spring Symposium on Empirical Methods in Discourse Interpretation and Generation.** Stanford: AAAI, 1995. p. 27-29.

PRETI, D. **Análise de textos orais.** 6. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1993.

RISSO, M.S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I.G.V. (Orgs.). **Gramática do português falado.** v. VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

SANTOS, K. R. C. **Uma investigação funcionalista das relações retóricas do campo da avaliação no português falado.** 2018. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

TABOADA, M. **Building coherence and cohesion: task-oriented dialogue in English and Spanish.** Amsterdã: John Benjamins, 2004.

TABOADA, M. Implicit and explicit coherence relations. In: RENKEMA, J. (Ed.). **Discourse, of Course.** Amsterdã: John Benjamins, 2009.

TABOADA, M.; MANN, W. C. Applications of Rhetorical Structure Theory. **Discourse Studies.** Sage Publications, 2005.

URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

ZELDES, A. rstWeb - A browser-based annotation interface for rhetorical structure theory and discourse relations. In: NAACL-HLT 2016 SYSTEM DEMONSTRATIONS, San Diego. **Proceedings of the AAAI Spring Symposium on Empirical Methods in Discourse Interpretation and Generation.** San Diego, CA: NAACL, 2016. p. 1-5.

Sobre os autores

Gabriele Pecuch (ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2003-9458>)

Graduada em Letras Português/Francês pela Universidade Estadual de Maringá/UEM (2020), mestre em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos) pela Universidade Estadual de Maringá/UEM (2020) e doutoranda em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos) pela mesma universidade.

Juliano Desiderato Antonio (ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9816-5852>)

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp/ Araraquara, pós-doutor em Estudos Linguísticos pela Unesp/ São José do Rio Preto. Professor do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá.

Recebido em maio de 2021.

Aprovado em agosto de 2021.